

Vol 10, Num 01

Edição Janeiro – Junho 2019

ISSN: 2179-6033

<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

Como citar este texto: FERRARETTO, Luiz Arthur; MORGADO, Fernando; SABALLA JR., Léo Henrique. O jornalista com múltiplas funções no rádio: velhos preconceitos para novos desafios. *Revista Rádio-Leituras*, Mariana-MG, v. 10, n. 01, pp. 22-40, jan./jun. 2019.

O jornalista com múltiplas funções no rádio: velhos preconceitos para novos desafios¹

Luiz Artur Ferraretto²

Fernando Morgado³

Léo Henrique Saballa Jr.⁴

Resumo

Parte da ideia de que o rádio adotou uma atuação expandida (KISCHINHEVSKY, 2016), provocando transformações na rotina profissional. Defende que tais alterações precisam ser analisadas no contexto da convergência, estratégia de posicionamento predominante no meio, e não mais dentro dos parâmetros do período anterior, quando dominava a segmentação (FERRARETTO, maio-ago. 2012). Em relação às múltiplas funções atribuídas aos profissionais, pondera que as tecnologias, como extensões do ser humano (McLUHAN, 1974), apresentam aspectos positivos e negativos. Procurando fugir de posições preconceituosas em relação às

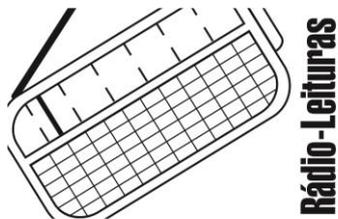
22

¹ Versão revista do artigo apresentado no 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), realizado em São Paulo, de 7 a 9 de novembro de 2018.

² Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mesma instituição onde atua como professor no curso de Jornalismo e no Programa de Pós-graduação em Comunicação. Coordenador do Núcleo de Estudos de Rádio, grupo de pesquisa certificado pela UFRGS junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Autor, entre obras, dos livros Técnica de redação radiofônica (com Elisa Kopplin), Rádio – O veículo, a história e a técnica, Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40), Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20 e Rádio – Teoria e prática. E-mail: luiz.ferraretto@ufrgs.br.

³ Professor das Faculdades Integradas Hélio Alonso (Facha) e da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), ambas do Rio de Janeiro. Mestre em Gestão da Economia Criativa, especialista em Gestão Empresarial e Marketing e graduado em Design com Habilitação em Comunicação Visual e Ênfase em Marketing pela ESPM/ RJ. Autor, entre obras, dos livros Blota Jr.: a elegância no ar e Silvío Santos: a trajetória do mito. Coordenador-adjunto do Núcleo de Estudos de Rádio (NER) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro da Academy of Television Arts & Sciences, entidade realizadora dos prêmios Emmy. E-mail: contato.fernandomorgado@gmail.com.

⁴ Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e graduado em Jornalismo pela mesma universidade. Há 15 anos, atua no Grupo RBS, em Porto Alegre, no qual trabalhou na Rádio Gaúcha e, hoje, é repórter e apresentador da RBS TV. E-mail: saballa@gmail.com.



O jornalista com múltiplas funções no rádio: velhos preconceitos para novos desafios

Luiz Artur Ferraretto; Fernando Morgado e Léo Henrique Saballa Jr.

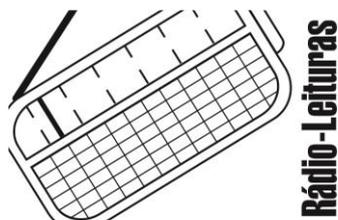
inovações, busca situações semelhantes no passado e concentra a análise no segmento de jornalismo e no cargo de repórter, indo a campo para analisar as alterações registradas na Gaúcha, de Porto Alegre, da segunda metade da década de 1980 até a atualidade.

Palavras-chave: Rádio expandido; Múltiplas funções; Jornalismo; Reportagem; Gaúcha.

Introdução

Nas últimas décadas, a proliferação da internet, dos dispositivos móveis e dos aplicativos faz com que os profissionais de rádio assumam funções que, antes, eram realizadas por outras pessoas dentro da emissora. Como em processos passados de transformação de rotinas devido à tecnologia, trata-se de uma situação irreversível. Analisá-la preconceituosamente com base em pressupostos de outros tempos resulta em incompreensão do fenômeno. Vive-se uma etapa histórica em que as emissoras adotam a convergência como estratégia e não mais apenas a segmentação de seu conteúdo. O rádio expandiu-se, transbordando sua programação para outras plataformas e, em paralelo, incorporou imagens e textos ao áudio de sua centralidade como instituição social, construída culturalmente ao longo do tempo. Se o meio está se transformando, é natural que o mesmo ocorra com jornalistas e radialistas. Isso, no entanto, não significa também assumir um discurso otimista em excesso no tocante à tecnologia, encobrendo as relações entre as forças envolvidas no processo.

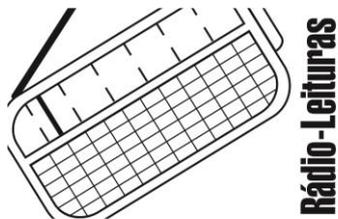
Aqui, procura-se fugir de posições ultrapassadas pela conformação da convergência como um processo cultural a englobar gradativamente o conjunto da sociedade. Tem-se como base o proposto por Henry Jenkins (2006, p. 28): “A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros.”.



É necessário, ainda, ter clareza a respeito da terminologia empregada. Busca-se o amparo do *Dicionário de Sinônimos*, de Antenor Nascentes (1981), obra clássica por registrar a diferença de significação entre palavras agrupadas por grau de parença. Uma primeira lógica semântica aparece em relação às palavras: (1) *cargo*, “uma posição que traz um título honroso, vantagens etc., mas também acarreta o peso de importantes deveres”; (2) *emprego*, “a ideia de sujeição a trabalho obrigatório e permanente”; e (3) *funções*, conjunto de obrigações decorrentes do exercício de um cargo ou de um emprego (NASCENTES, 1981, p. 163). Em outra linha, há: (1) *aptidão*, “capacidade natural para fazer algo”; (2) *capacidade*, “a posse, dada pela aptidão, do conjunto de qualidades e conhecimentos necessários para as coisas práticas da vida”; (3) *disposição*, capacidade natural, menor que a aptidão e aplicada ao que requer “estudos ligeiros ou recreativos, como a dança, a ginástica, o esporte”; (4) *habilidade*, “capacidade comprovada pela prática e sempre com resultado bom”; e (5) *talento*, “um dom natural, uma aptidão, mas revelada na prática” (NASCENTES, 1981, p. 92).

Assume-se que a análise dos profissionais com múltiplas funções foi turvada pela redução do fenômeno às relações entre capital e trabalho. Tal rebaixamento do debate desconsidera que parcela significativa do público vive a cultura da convergência e deixou de consumir informações com base na separação entre meios ou abstraindo a existência de redes sociais. Em paralelo, uma série de tecnologias incorpora-se ao fazer radiofônico, podendo compensar parcialmente o que antes seria uma sobrecarga de funções.

Na busca por uma visão que não seja nem exageradamente otimista, nem excessivamente pessimista, concentra-se a análise no segmento de jornalismo e no cargo de repórter para analisar alterações registradas na Gaúcha, de Porto Alegre, do final da década de 1980 até a atualidade. Como base, são usadas descrições de seus protagonistas dos processos de produção de reportagens. Parte-se da constatação de que, ao longo do período abordado, a emissora possuiu cinco tipos de profissionais: (1) o *polivalente*, trabalhando na área de geral – polícia, sindical, ensino, trânsito etc. –, mas, na falta de outro, cobrindo também da política à economia; (2) o *setorista*, atuando em uma área específica; (3) o *repórter especial*, profissional experiente e qualificado,



O jornalista com múltiplas funções no rádio: velhos preconceitos para novos desafios

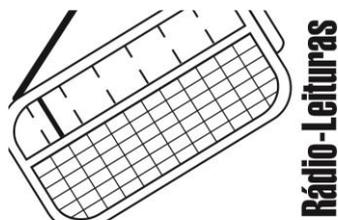
Luiz Artur Ferraretto; Fernando Morgado e Léo Henrique Saballa Jr.

responsável pela cobertura aprofundada e mais investigativa relacionada a grandes temáticas; (4) o *correspondente*, aquele que desenvolve suas funções cotidianamente fora da cidade-sede da emissora e de seu entorno; e (5) o *enviado especial*, que é deslocado para a cobertura em outros municípios, estados ou países. Dá-se como estabelecido que, ao rádio em sua forma expandida (KISCHINHEVSKY, 2016), deve corresponder também um repórter cujas práticas e rotinas de trabalho vão ao encontro de tal realidade.

Quadro teórico-referencial

“Qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão ou autoamputação de nosso corpo, e essa extensão exige novas relações e equilíbrios entre os demais órgãos e extensões do corpo”, afirma Marshall McLuhan (1974, p. 63). Na assertiva do pesquisador, está presente a ideia de que uma inovação expande as capacidades naturais simultaneamente ao embotamento da função fisiológica original substituída. Fique claro, portanto, o poder exercido pelo ser humano no uso e no desenvolvimento da tecnologia em relação a necessidades específicas. Nesse sentido, os meios de comunicação, como extensões, “estabelecem novos índices relacionais, não apenas entre os nossos sentidos particulares, como também entre si, na medida em que se inter-relacionam” (McLUHAN, 1974, p. 72).

Portanto, as tecnologias relacionadas ao celular e à internet estendem as aptidões de repórteres, permitindo o desenvolvimento de novas capacidades aptas a tornar o profissional hábil em relação a suas funções, desde que tenha disposição e talento. Obviamente, o telefone móvel conectado à rede mundial de computadores altera o próprio rádio, podendo ser encarado, em maior ou em menor medida, como um substituto ou correlato: (1) do *estúdio*, melhor dizendo do microfone, da mesa de áudio e dos gravadores; (2) da *emissora*, já que permite a transmissão de qualquer lugar,

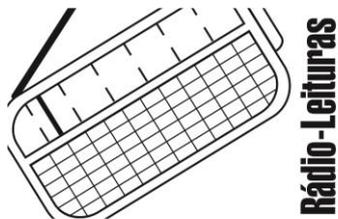


desde que exista banda para tanto; e (3) da *redação*, cujo ambiente é clonado em grupos de trocas de mensagens.

Cabe lembrar, conforme McLuhan (1974, p. 75): “O híbrido, ou encontro de dois meios, constitui um momento de verdade e revelação, do qual nasce a forma nova”. É nesse ponto que se inclui o chamado *rádio expandido*, expressão sugerida por Kischinhevsky (2016, p. 13-14), identificando a extrapolação da base tecnológica original do meio. Que não se reduza, no entanto, a ideia à presença do rádio apenas para além do hertziano. Toma-se essa expansão, aqui, como uma ocupação de espaço por parte das emissoras e de seus profissionais no terreno do texto escrito e da imagem estática – fotografias, ilustrações, infográficos etc. – e dinâmica – animações, vídeos etc. – em aplicativos, redes sociais e **sites**. Trata-se de um processo que reflete nas rotinas radiofônicas a vigência de uma cultura da convergência (JENKINS, 2008) e da conexão (JENKINS; FORD; GREEN, 2014), redundando no posicionamento de todos os envolvidos, mesmo que em proporções diversas, como comunicadores (FERRARETTO, 2014).

Metodologia

Do ponto de vista metodológico, posiciona-se a reflexão dentro do que Michael Schudson (1993, p. 213) chama de (1) *história das instituições*, para responder de que modo se desenvolveu esta ou aquela instituição de comunicação de massa. Tem-se consciência de que os estudos exclusivamente dentro desse parâmetro ignoram impactos sobre a sociedade e correm o risco de se converter “em um desfile de personagens e readequações organizativas” (SCHUDSON, 1993, p. 216). Não se abandona, portanto, o chamado enfoque (2) *histórico propriamente dito*, procurando sopesar “a relação dos meios de comunicação com a história cultural, política, econômica ou social” para dar conta da questão “de que modo as transformações na comunicação influenciam e como são influenciadas por outros aspectos das transformações sociais?” (SCHUDSON, 1993, p. 214).



O jornalista com múltiplas funções no rádio: velhos preconceitos para novos desafios

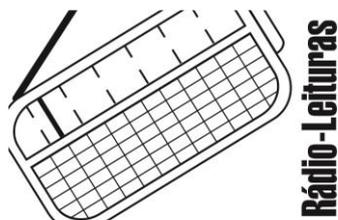
Luiz Artur Ferraretto; Fernando Morgado e Léo Henrique Saballa Jr.

Parte-se de uma periodização proposta anteriormente (FERRARETTO, maio-ago. 2012), englobando duas das fases ali definidas: (1) a de *segmentação*, iniciada no final da década de 1950, estendendo-se até os primeiros anos do século 21 e caracterizada pela divisão do mercado em nichos de audiência e anunciantes atendidos por programações centradas no comunicador, aquele a simular uma conversa com o ouvinte; e (2) a de *convergência*, de meados da década de 1990 até os dias de hoje e marcada pela redefinição das emissoras para além das ondas hertzianas, com incentivo à participação do público.

Como certo senso comum entre os que fizeram o jornalismo de décadas anteriores associa uma propalada decadência de qualidade ao aumento no número de funções, em especial, dos responsáveis pela coleta de informações no palco de ação dos fatos, opta-se, justamente, pela escolha do cargo de repórter como objeto de análise. No entanto, por sua lógica muito particular, ficam de fora processos relacionados à cobertura esportiva. Centra-se o foco na Gaúcha. Pertencente ao Grupo RBS, a emissora opera no formato *talk and news*, caracterizado pela veiculação constante de comentários, entrevistas, mesas-redondas, noticiários, reportagens e serviços. Atualmente, de acordo com a Kantar Ibope Media, lidera a audiência geral na Grande Porto Alegre, com sua concorrente mais próxima no segmento de jornalismo ocupando a 11ª posição no mesmo levantamento (TUDO RÁDIO, 15 jun. 2018). Para chegar a tal situação, em 2012 passou a oferecer o seu conteúdo em múltiplas plataformas:

A decisão foi transformar, por meio do mundo digital, a Rádio Gaúcha em Gaúcha, “uma solução moderna de comunicação multiplataforma”, capaz de atender usuários e anunciantes a partir da geração de conteúdo para as diversas plataformas – tradicionais ou de vanguarda (MARTINS, 20 mar. 2017).

Mais adiante, apresenta-se um estudo comparativo sobre a reportagem na Gaúcha nas fases de segmentação e de convergência. Assume-se que “a comparação aparece como sendo inerente a qualquer pesquisa no campo das ciências sociais, esteja



ela direcionada para a compreensão de um evento singular ou voltada para o estudo de uma série de casos previamente escolhidos” (SCHNEIDER; SCHMITT, 1998, p.49).

Antecedentes

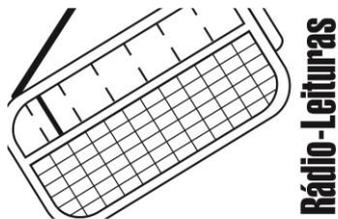
Antes de descrever o verificado na Gaúcha e para demarcar o já citado senso comum, esboça-se um histórico da resistência ao novo no jornalismo. Em um âmbito geral, há antecedentes que remontam à Revolução Industrial. No biênio 1811-1812, na Inglaterra, ocorrem manifestações de trabalhadores manuais destruindo o maquinário no setor têxtil e consagrando o termo *ludita*⁵ para designar os que se opõem ao progresso ou à substituição de mão de obra por equipamentos mecânicos ou eletrônicos (FULCHER, 1999, p. 588-589). Sob a vigência de uma sociedade baseada em computadores, tal ideia associa-se à de *tecnofobia*, a repulsa às inovações tecnológicas (CHANDLER, MUN-DAY, 1999, p. 423). Trata-se do pano de fundo do momento atual no jornalismo, no qual, por exemplo, o diário *The New York Times* constata a tendência de profissionais tradicionais a se manterem em sua zona de conforto, resistindo ou tentando adaptar velhas práticas, sem uma conversão efetiva às inovações (THE NEW YORK TIMES, 24 mar. 2004).

Vale recordar registro de Mario Erbolato (1984, p. 138-139) a respeito da introdução da entrevista na imprensa do século 19:

A Pall Mall Gazette, de Londres, afirmou que ela “era degradante para o jornalista que a fazia, odiosa do ponto de vista do entrevistado e cansativa para o público”. Outro jornal alegou, em 1869, que “a entrevista somente podia ser o produto do conluio de um politiquero farsante com um farsante repórter”.

No início da década de 1950, situação semelhante ocorre na redação do *Diário Carioca*, do Rio de Janeiro. O jornalista Pompeu de Sousa (apud LYSIAS, 1986, p. 22)

⁵ Referência ao sobrenome Ludd, que aparecia em manifestos representando o conjunto daqueles trabalhadores.



O jornalista com múltiplas funções no rádio: velhos preconceitos para novos desafios

Luiz Artur Ferraretto; Fernando Morgado e Léo Henrique Saballa Jr.

enfrenta dura resistência ao introduzir o *lide*, abertura na qual se destaca o essencial do relato em substituição ao até então usual preâmbulo pretensioso e cheio de impressões do redator: “Todo jornalista que estava em atividade representava um vício. O vício era exatamente o *nariz de cera*. Eu precisava de gente zero quilômetro.”.

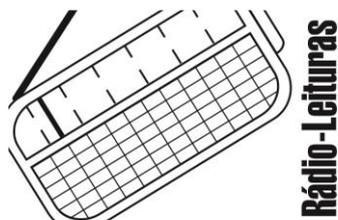
Em meados dos anos 1980, a informatização começa a ser introduzida nas redações. Na época, o então presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro, José Carlos Monteiro (1985, p. 6), posiciona-se:

Quem tem medo da automação do processo de informação? Em primeiro lugar, os jornalistas. [...]

Mas a automação das redações é irreversível. Fará parte do futuro. [...] Não se pode reagir como avestruz ante o perigo, escondendo a cabeça no buraco. É preciso enfrentar a ameaça – ou desafio? – com coerência, bom senso, lucidez.

Em 1982, pouco antes da informatização das redações chegar ao Brasil, o *USA Today*, nos Estados Unidos, é lançado “com uma roupagem colorida, dentro de caixas de distribuição semelhantes a um aparelho de televisão, com as várias editorias separadas em cadernos independentes, extensivamente ilustradas por gráficos e quadros” (MOREIRA, mar. 1991, p. 14). Por não priorizar apenas o texto, o diário chega a ser considerado por parte da imprensa, conforme Sonia Virgínia Moreira (mar. 1991, p. 14), “um jornal para leitores que não sabem ler”.

Na economia em geral, autores como Robert Hassan (2000) apontam para a criação de milhares de novos tipos de trabalho em função das tecnologias da informação, a maioria desses sem uma alta remuneração ou segurança de continuidade no cargo. No raciocínio do professor da Universidade de Melbourne, a necessidade de ampliar a produtividade leva à busca por profissionais **multiskilled**, palavra inglesa que remete ao sujeito dotado de múltiplas habilidades, mas que tem sido traduzida, por vezes, como “multifuncional”. A rigor, como destacado no início desta reflexão, habilidade relaciona-se com a capacidade do indivíduo em realizar algo, enquanto função diz respeito às obrigações de um cargo ou emprego (NASCENTES, 1981).

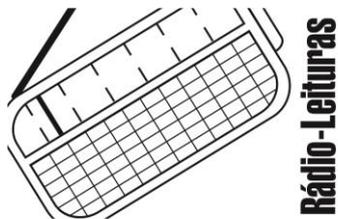


Na comunicação massiva, apesar do acúmulo de funções não ser algo exclusivo da contemporaneidade, tal fenômeno aprofundou-se. Não por acaso, algumas das expressões usadas internacionalmente para definir essa situação surgiram nas últimas duas décadas: (1) **backpack journalism**, “jornalismo de mochila”; e (2) **solo journalism** ou simplesmente **SoJo**, “jornalismo solo”. A primeira foi cunhada por Jane Stevens (2002), que integrou, entre março de 1996 e março de 1998, o primeiro grupo de 80 videorrepórteres do *The New York Times*. A referência à mochila não é à toa: os equipamentos guardados nela permitiam ao profissional fazer sozinho, em qualquer lugar, o que antes era integral e obrigatoriamente executado por toda uma equipe instalada em uma sala de redação. A segunda faz referência à atividade cada vez mais solitária do profissional e seu pioneiro foi Kevin Sites. De correspondente de guerra da CNN e da NBC, o jornalista se transformou em profissional com múltiplas funções do Yahoo! News (STERLING, 2009, p. 599). Apesar de destacar vantagens, Sites (apud KOLODZY, 2006, p. 127) reconhece a repercussão desse modelo de trabalho no mercado, abalando profissionais tradicionais devido à redução de custos e de empregos.

30

Resultados

Apesar das dificuldades para obtenção de dados a respeito de profissionais e de processos relacionados à reportagem da Gaúcha do final da década de 1980 até a atualidade, é possível ter uma ideia das alterações ocorridas recorrendo-se a entrevistas com protagonistas. Procurou-se identificar, em um primeiro momento, alterações relacionadas: (1) ao cargo de repórter, (2) à quantidade de empregos relacionados ao cargo e (3) às funções exercidas pelo empregado. Na sequência, descreve-se o que foi possível identificar a respeito de repórteres (1) *polivalentes*, (2) *setoristas*, (3) *especiais*, (4) *correspondentes* e (5) *enviados especiais*. Por fim, com base em seus significados dicionarizados, analisam-se (1) *aptidão*, (2) *capacidade*, (3) *disposição*, (4) *habilidade* e (5) *talento*.



O jornalista com múltiplas funções no rádio: velhos preconceitos para novos desafios

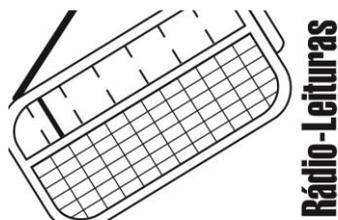
Luiz Artur Ferraretto; Fernando Morgado e Léo Henrique Saballa Jr.

Cabe destacar um recorte da pesquisa Radiojornalismo e convergência na fase da *multiplicidade da oferta*⁶, procurando reconstruir, com base em depoimentos, as atividades de repórteres da Gaúcha nas coberturas das eleições municipais de 1988 e 2012:

(1) no final da década de 1980, (a) o repórter ia ao palco de ação do fato, coletava informações, ligava para a redação, passava dados que seriam convertidos em texto e entrava no ar, terminando, enfim, o seu trabalho; e (b) a tecnologia empregada englobava gravadores de fita, telefones fixos e unidades móveis com rádios em UHF para comunicação com a emissora e entrada ao vivo no ar; e (2) no início dos anos 2010, (a) as novas possibilidades tecnológicas trouxeram mais funções ao jornalista, já não sendo suficiente planejar a execução de sua pauta exclusivamente para o rádio e devendo esta ser pensada também para a internet e as mídias sociais; e (b) tais funções passam a requerer revisão do que realmente é o seu trabalho, havendo tarefas relacionadas à produção de fotografias, textos e vídeos para veiculação on-line, algumas das quais extrapolando o que seria a jornada contratada junto ao empregador (FERRARETTO, set.-dez. 2015, p. 226).

Até o final da década de 1990, quando a telefonia celular começa a se consolidar, as participações ao vivo eram menos frequentes e com qualidade sonora reduzida. Conforme Francisco Paulo Bisogno (21 jan. 2017), responsável pelas transmissões externas da Gaúcha: “Funcionava, só que a qualidade de áudio era muito ruim”. Os repórteres usavam telefones fixos públicos ou privados. Oziris Marins (20 jan. 2017) recorda ter recorrido, quando era repórter da Gaúcha, a *orelhões* para conseguir transmitir uma notícia ao vivo, chegando a realizar enquetes com pessoas que passavam por perto, precisando chamá-las para que se aproximassem. O jornalista circulava por órgãos públicos, de onde seu contato com a emissora era feito por meio de telefones fixos emprestados pelos servidores, podendo incluir o repasse de dados para a redação ou a veiculação direta desses no ar. No caso de reportagens gravadas, o áudio era

⁶ Projeto coordenado por Luiz Artur Ferraretto, de 2011 a 2017, na UFRGS.



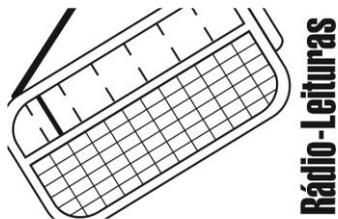
coletado no palco de ação dos fatos, sendo registrado em fitas cassete para edição por operadores de gravação e veiculação posterior. As funções exercidas pelos repórteres restringiam-se à coleta e à veiculação com registro sonoro. O processamento de gravações e textos escritos cabia a outros funcionários.

Na contemporaneidade, o aparelho de telefonia celular ganha centralidade e, graças a esse dispositivo móvel e aos seus aplicativos, alteram-se as funções do repórter e suas rotinas. Um exemplo aparece em uma situação vivenciada pelo repórter Mateus Ferraz, em 2014. Para cobrir uma ocorrência policial, usou dois telefones celulares, um bastão para fixar um deles e um equipamento de transmissão de áudio com qualidade semelhante à de estúdio, o Access, que usa conexão via protocolo de internet e é fabricado pela Comrex⁷. Um celular foi utilizado para falar com a produção (por ligação telefônica ou por *WhatsApp*) e o outro para gravar imagens ou transmiti-las ao vivo. Assim, registrou uma alteração entre protagonistas do fato. Entrou ao vivo, enquanto, quase que simultaneamente, produzia um vídeo com o *smartphone*: “Eu gravei com um iPhone e entrou até no Jornal Nacional, da Rede Globo. Se eu não tivesse gravado, ninguém iria ver aquilo” (FERRAZ, 16 de fev. 2017).

Por uma decisão editorial, as reportagens são predominantemente ao vivo. Conforme o então editor-chefe da Gaúcha, Daniel Scola (12 jan. 2017): “O ouvinte, subliminarmente, pensa ‘esses caras estão ao vivo, conversando comigo’. É a *charla*⁸”. Não há mais por que editar materiais, tempo repassado à expansão do trabalho do repórter em termos de produção de imagens e de textos para veiculação em redes sociais, sites e aplicativos relacionados à marca da Gaúcha. Ferraz (16 fev. 2017) conta que escreve textos apenas para publicá-los na internet, atribuição dos repórteres desde 2013. Na rotina do repórter, algo comum na fase de segmentação, o texto escrito para ser lido dá lugar ao exclusivamente falado. Esse profissional, no entanto, incorpora as funções de captação de imagens e de redação, abandonando o registro em áudio e o posterior acompanhamento da edição de materiais gravados.

⁷ A emissora trabalha também com aplicativos da Tieline Technology.

⁸ Em espanhol, conversa. A é expressão muito usada no Rio Grande do Sul.

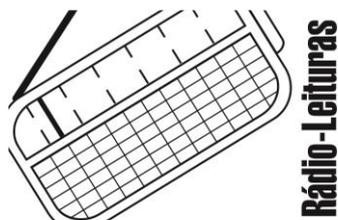


O jornalista com múltiplas funções no rádio: velhos preconceitos para novos desafios

Luiz Artur Ferraretto; Fernando Morgado e Léo Henrique Saballa Jr.

A exemplo de décadas anteriores, os repórteres são em grande medida polivalentes. Em meados dos anos 1980, havia setoristas parciais. Repórteres tinham entre suas obrigações boletins com informações específicas – aeroporto, trânsito ou plantões policiais –, mas atuavam cobrindo outras temáticas. Alguns faziam com maior frequência a cobertura de economia e política, havendo mesmo os que, diariamente, se deslocavam até as sedes dos poderes executivos e legislativos municipal e estadual. Na atualidade, a maioria atua em diversas frentes, excetuando-se aqueles destinados à cobertura constante do trânsito. Na década de 1980, chegou a ser designado, “por um período curto”, um repórter como especial, no caso o jornalista Isaías Porto (19 jun. 2018), que fazia “registros sonoros da cidade”, sem uma perspectiva mais investigativa, embora tenha participado de “algumas coberturas de maior porte”. Na contemporaneidade, mesmo exercendo certa polivalência, há profissionais com larga experiência na produção de grandes reportagens com conteúdo marcadamente expandido e, portanto, incluindo textos e imagens para plataformas **on-line**. Não por acaso, a Gaúcha tem em seus quadros o repórter Cid Martins, o mais premiado da Região Sul, conforme a edição de 2017 do **Ranking dos +Premiados Jornalistas da História**, elaborado pelo Portal dos Jornalistas (3 jan. 2018). Desde os anos 1980, a emissora mantém correspondentes em Brasília, junto aos três poderes.

No que diz respeito a enviados especiais, há uma significativa mudança desde a década de 1990. Foi na cobertura de acontecimentos internacionais que repórteres do Grupo RBS começaram a atuar em uma perspectiva multimidiática. Até então, apenas âncoras ou comentaristas de renome eram usados nessas situações. Como descrito por Ferraretto (2007b, p. 449-451), na cobertura da Guerra do Golfo, em 1991, a empresa chega a deslocar os apresentadores Lasier Martins para Amã, na Jordânia, e Rogério Mendelski para Tel Aviv, em Israel. No entanto, quem vai permanecer no Oriente Médio por mais tempo é o repórter do jornal *Zero Hora* Marcelo Rech, que fica de 15 de janeiro até 7 de março, movimentando-se pela Arábia Saudita, Egito, Iraque, Jordânia e Kuwait, sempre com relatos nos principais veículos do grupo. No início do século, é comum a



Vol 10, Num 01

Edição Janeiro – Junho 2019

ISSN: 2179-6033

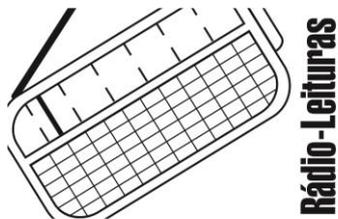
<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

presença de repórteres da própria Gaúcha como enviados especiais e em atuação similar não só para rádio, mas também para o jornal *Zero Hora* e a RBS TV. Em várias dessas coberturas, vão se destacar profissionais de reportagem ou nela originados, como Andressa Xavier, Daniel Scola, Eduardo Matos e Oziris Marins.

Para a descrição aqui realizada, foram ouvidos gestores e ex-gestores: Cláudio Moretto (14 maio 2018), funcionário da Gaúcha de 1980 a 2015, tendo desempenhado, entre outras, as funções de editor, chefe de reportagem e coordenador de jornalismo; André Machado (14 maio 2018), de 1998 a 2004, chefe de reportagem e, na sequência, até 2013, editor-chefe; e Daniel Scola (12 jan. 2017), gerente da emissora desde abril de 2018 e, anteriormente, editor-chefe. Os dados numéricos assim obtidos são incongruentes e inespecíficos. Optou-se, então, por considerar dois quantitativos: o de 1997, passível de identificação mais precisa graças à existência de um questionário aplicado junto ao então gerente-executivo da Gaúcha, Armino Antônio Ranzolin (23 abr. 1997); e o de 2018, fornecido por Daniel Scola (19 jun. 2018). Em plena fase de segmentação, no mês de abril de 1997, eram oito repórteres, dos quais um atuava como correspondente em Brasília, existindo ainda seis estagiários como apoio na produção, redação e reportagem. Em junho de 2018, com a convergência orientando uma operação multiplataforma, são 15 repórteres, incluindo o correspondente no Distrito Federal, e quatro estagiários, além de equipes nas emissoras próprias da rede em Caxias do Sul, Pelotas e Santa Maria. Na atualidade, participam da programação, ainda, jornalistas do portal GaúchaZH, operação integrada com o jornal *Zero Hora*.

Considerações finais

Não se pretendeu aqui medir ou julgar se o profissional com múltiplas funções significa uma forma de exploração de mão de obra, como advogam alguns. Tomou-se tal situação como um dado de realidade em fase de consolidação e – como indica o cotidiano dos repórteres da Gaúcha – irreversível. Basta observar o passado e outras resistências a inovações, projetando de lá o olhar sobre o presente. Quem pensaria em



O jornalista com múltiplas funções no rádio: velhos preconceitos para novos desafios

Luiz Artur Ferraretto; Fernando Morgado e Léo Henrique Saballa Jr.

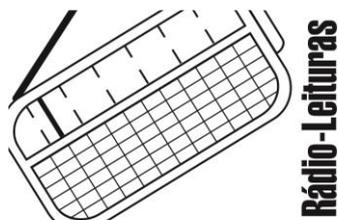
reagir, hoje, ao uso da entrevista como instrumento de apuração ou ao do lide como recurso para capturar a atenção do público? Ou à introdução do computador nas redações? Ou, em plena vigência do chamado jornalismo de dados, do recurso a infográficos, tão necessários para o esclarecimento da audiência?

Embora não se tenha analisado as intenções de radiodifusores ou gestores – o capital, conforme uma visão mais reducionista – e de funcionários – o trabalho, no mesmo raciocínio –, pode-se aventar considerável confusão entre o fenômeno das múltiplas funções proporcionadas pela extensão tecnológica das *capacidades* e *habilidades* dos seres humanos e os diferentes tipos de repórteres de que uma emissora pode ou não dispor. Esse último aspecto, aliás, parte de decisões editoriais, considerando concorrência e investimento publicitário, algo nem sempre abordado na bibliografia existente. O mesmo ocorre em relação à quantidade de profissionais. A Gaúcha emprega na atualidade quase o dobro de repórteres de 1997, sendo impossível verificar se esses números eram ou são suficientes.

Se a tecnologia compensa novas *funções* atribuídas ao *cargo* de repórter – como a produção de textos escritos e de imagens, além da edição e veiculação desses –, gera também, por óbvio, novas necessidades e essas últimas vão provocar o desenvolvimento de novos aparatos técnicos. Trata-se de um ciclo sem relação direta com a existência de profissionais caracterizados como *polivalentes*, *setoristas*, *repórteres especiais*, *correspondentes* e *enviados especiais*.

Pode-se aventar ainda que nem todos têm aptidão ou conseguem desenvolver *capacidade* e/ou *habilidade* para tal. Tem-se consciência de que, por exemplo, um excelente narrador esportivo talvez não possua os requisitos para exercer outras funções. Não se trata de nenhuma novidade. Profissionais de rádio exercem ou não múltiplas funções desde que as primeiras emissoras surgiram. E não se restringem ao meio em si⁹. Há ainda que considerar as ideias associadas à *disposição* – no jargão mais

⁹ Fique claro que não se adentrou, aqui, o terreno do jornalista multimidiático, talvez uma consequência do exercício de múltiplas funções, mas que precisa ser analisada para além do rádio.



Vol 10, Num 01

Edição Janeiro – Junho 2019

ISSN: 2179-6033

<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

popular, o *jeito* ou a *predisposição* para – e ao *talento*. Sem certa inclinação natural para o uso amplo de aplicativos, tornam-se muitíssimo complicados o ensino e o treinamento necessários ao desenvolvimento de aptidões como as relacionadas ao exercício das novas funções identificadas na contemporaneidade.

Por fim, advoga-se para as múltiplas funções pelo menos o benefício da dúvida, uma vez que o novo, historicamente, tem o papel de tirar todo protagonista de seu lugar de conforto. Ocorreu a passagem para um rádio que se afirma como expandido, tendo foco na convergência e não mais apenas na segmentação. É de se esperar – ou mesmo de se exigir – movimento semelhante de seus profissionais.

Referências bibliográficas:

ANDRÉ MACHADO. Além de apresentador do programa Gaúcha Atualidade, exerceu os cargos de chefe de reportagem, de 1998 a 2004, e de editor-chefe, de 2005 a 2013, na **Gaúcha. Entrevista** em 14 de maio de 2018.

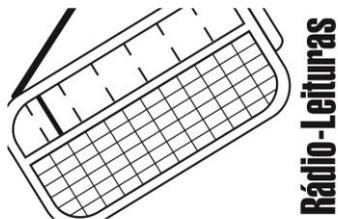
ARMINDO ANTÔNIO RANZOLIN. Gerente-executivo e, posteriormente, diretor da Rádio Gaúcha nas décadas de 1980 e 1990. Entrevista em 23 de abril de 1997 por meio de questionário.

CHANDLER, D.; MUNDAY, R. **A dictionary of media and communication**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

CLAUDIO MORETTO. Funcionário da Gaúcha de 1980 a 2015, tendo desempenhado, entre outras, as funções de chefe de reportagem, editor e coordenador de jornalismo. Entrevista em 20 de janeiro de 2017.

DANIEL SCOLA. Editor-chefe da Gaúcha e âncora dos programas Gaúcha Atualidade e Chamada Geral – Segunda Edição. Em maio de 2018, assumiu a gerência da emissora. Entrevistas em 12 de janeiro de 2017 e em 19 de junho de 2018.

ERBOLATO, M. **Técnica de codificação em jornalismo**. 5.ed. São Paulo: Ática, 1991.



O jornalista com múltiplas funções no rádio: velhos preconceitos para novos desafios

Luiz Artur Ferraretto; Fernando Morgado e Léo Henrique Saballa Jr.

FERRARETTO, L. A. **Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul**: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20. Canoas: Editora da Ulbra, 2007b.

FERRARETTO, L. A. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Eptic – Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e Comunicação**, Aracaju: Observatório de Economia e Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, v. XIV, n. 2, maio-ago. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/eptic/article/viewFile/418/332>>.

FERRARETTO, L. A. Da segmentação à convergência, apontamentos a respeito do papel do comunicador de rádio. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, v. 36, n. 1, 2014, p. 59-84. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/4705>>.

FERRARETTO, L. A. Inquietudes e tensionamentos: pistas para a compreensão do rádio comercial em sua fase de convergência. **Intexto**, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 34, p. 214-235, set.-dez. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/58408/35426>>.

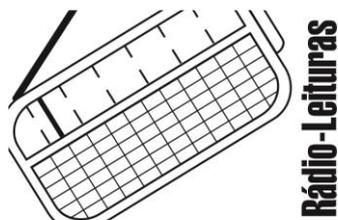
FRANCISCO PAULO BISOGNO. Funcionário da Gaúcha de 1978 a 2006, tendo desempenhado, entre outras, as funções de operador de externas e coordenador. Entrevista em 21 de janeiro de 2017.

FULCHER, J. Luddism. In: McCALMAN, I. (Ed.). **An Oxford companion to the Romantic Age: British Culture (1776-1832)**. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 588-589.

HASSAN, R. The space economy of convergence. **Convergence – The International Journal of Research into New Media Technologies**. Nova Iorque: Sage, v.6, n.4, p. 18-35, 2000.

ISAÍAS PORTO. Trabalhou na Gaúcha de 1983 a 1988, passando pelos cargos de apresentador, chefe de reportagem e repórter especial da Gaúcha. Entrevista em 19 de junho de 2018.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.



Vol 10, Num 01
Edição Janeiro – Junho 2019
ISSN: 2179-6033
<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KOLODZY, J. **Convergence journalism**: writing and reporting across the news media. Lanham: Rowman & Littlefield, 2006.

LYSIAS, C. Era uma vez o nariz de cera. **Revista da Comunicação**, Rio de Janeiro: Agora, ano 2, n. 7, p. 22-25, 1986.

MARTINS, C. Gaúcha: muito mais que uma rádio. **Case Studies – Portal Brasileiro de Management**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 20 mar. 2017. Disponível em: <<http://casestudies.com.br/gaucha-muito-mais-que-uma-radio/>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

McLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 4.ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

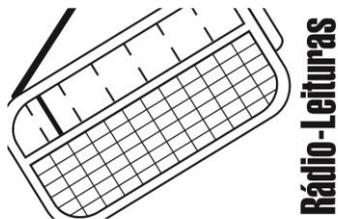
MONTEIRO, J. C. Avaliação realista dos novos tempos. **Revista da Comunicação**, Rio de Janeiro: Agora, ano 1, n. 1, p. 6, 1985.

MOREIRA, S. V. Deus também aceita jornais coloridos. **Revista da Comunicação**, Rio de Janeiro: Agora, ano 7, n. 24, p. 15, mar. 1991.

NASCENTES, A. **Dicionário de sinônimos**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

OZIRIS MARINS. Funcionário da Gaúcha de 1991 a 2006, tendo desempenhado, entre outras, as funções de produtor, repórter e apresentador. Entrevista 20 de janeiro de 2017.

PANORAMA: Rádio Gaúcha dispara na liderança. Rádio Caiçara se consolida no “top 3” em Porto Alegre. **Tudo Rádio**, Curitiba, 15 jun. 2018. Disponível em: <<https://tudoradio.com/noticias/ver/19754-panorama-radio-gaucha-dispara-na-lideranca-radio-caicara-se-consolida-no-top-3-em-porto-alegre>>. Acesso em: 18 jun. 2018.



O jornalista com múltiplas funções no rádio: velhos preconceitos para novos desafios

Luiz Artur Ferraretto; Fernando Morgado e Léo Henrique Saballa Jr.

RANKING +Premiados: Cid Martins assume a ponta no Sul do Brasil. **Portal dos Jornalistas**, São Paulo, 3 jan. 2018. Disponível em: <<http://www.portaldosjornalistas.com.br/ranking-premiados-cid-martins-assume-ponta-no-sul-do-brasil>>. Acesso em: 3 jan. 2018.

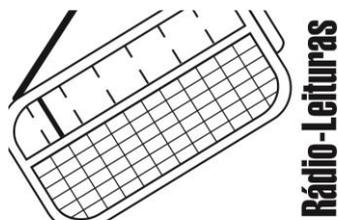
SCHNEIDER, S.; SCHIMITT, C. J. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

SCHUDSON, M. Enfoques históricos a los estudios de la comunicación. In: JENSEN, K.B., JANKOWSKI, N.W. (Org.). **Metodologías cualitativas de investigación en comunicación de masas**. Barcelona: Bosch, 1993. p. 211-228.

STERLING, C. H (ed.). **Encyclopedia of journalism**. California: Sage, 2009. v. 1.

STEVENS, J. Backpack journalism is here to stay. **Online Journalism Review**, Annenberg: University of Southern California, 2 abr. 2002. Disponível em: <<http://www.ojr.org/ojr/workplace/1017771575.php>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

THE NEW YORK TIMES. **Innovation**. Nova Iorque, 24 mar. 2014.



Vol 10, Num 01

Edição Janeiro – Junho 2019

ISSN: 2179-6033

<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

Abstract

Part of the idea that radio has adopted an expanded performance (KISCHINHEVSKY, 2016), causing changes in the professional routine. It argues that such changes need to be analyzed in the context of convergence, the predominant positioning strategy in the middle, and no longer within the parameters of the previous period, when the segmentation dominated (FERRARETTO, May-Aug. 2012). Regarding the multiple roles assigned to professionals, he considers that technologies, such as extensions of the human being (McLUHAN, 1974), have positive and negative aspects. Trying to escape from prejudiced positions in relation to innovations, it looks for similar situations in the past and concentrates the analysis in the journalism segment and in the position of reporter, going in the field to analyze the changes registered in Porto Alegre's Gaúcha, of the second mid-1980s to the present.

Keywords: Expanded radio; Multiple functions; Journalism; Reportage; Gaúcha.

Resumen

Parte de la idea de que la radio ha adoptado un rendimiento ampliado (KISCHINHEVSKY, 2016), causando cambios en la rutina profesional. Sostiene que dichos cambios deben analizarse en el contexto de la convergencia, la estrategia de posicionamiento predominante en el medio, y ya no dentro de los parámetros del período anterior, cuando la segmentación dominó (FERRARETTO, mayo-agosto de 2012). Con respecto a los múltiples roles asignados a los profesionales, considera que las tecnologías, como las extensiones del ser humano (McLUHAN, 1974), tienen aspectos positivos y negativos. Intentando escapar de posiciones prejuiciosas en relación con las innovaciones, busca situaciones similares en el pasado y concentra el análisis en el segmento de periodismo y en el puesto de reportero, yendo al campo para analizar los cambios registrados en la Gaúcha de Porto Alegre, del segundo Medios de los 80 hasta el presente.

Palabras Clave: Radio expandida; Múltiples funciones; Periodismo; Reportaje; Gaúcha.